

Cartografias das produções discursivas nos movimentos de gays e lésbicas: (im)possibilidades dentro do sistema andro-heterocêntrico

Tânia Pinafi

William Siqueira Peres

Ana Maria Domingues de Oliveira

Universidade Estadual Paulista – FCL Assis

Resumo: O objeto de investigação aqui apresentado são as relações sociais de sexo intergêneros na militância política de *gays* e lésbicas no Brasil. Desde o final da década de 70, quando da eclosão inicial de visibilidade política do Movimento Homossexual Brasileiro, até os dias atuais em que nos deparamos com um movimento LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) mais avançado e esclarecido por uma pauta de reivindicações de direitos, que apresenta tanto questões coletivas quanto específicas de cada expressão identitária dessa população (Trevisan, 2000), pode-se observar que estes atores sociais em suas reivindicações por direitos sociais, políticos e culturais, em uma sociedade heteronormativa, não estão totalmente isentos de ter preconceitos sexuais e de gênero. Assim sendo, este estudo enfoca o machismo e a misoginia, edificados dentro do sistema andro-heterocêntrico, bem como o sistema de sexo/gênero/desejo/práticas sexuais, apresentado e discutido por Judith Butler (2003). Igualmente, nosso trabalho visa buscar informações sobre a relação de convivência entre *gays* e lésbicas no centro da militância LGBTT. Assim, o interesse recai sobre as linhas de subjetivação que foram, e são, agenciadas de modo a (im)possibilitar as relações hierárquicas de gênero e de poder assimétricas. Embora seja dado um enfoque maior às identidades sexuais e de gênero, não se exclui das análises outros marcadores sociais como as categorias de classe, raça/etnia e geração. Os sujeitos políticos do Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais se constituíram em uma sociedade imersa em preconceitos de gênero e sexuais que influem em maior ou menor medida, em suas formações subjetivas, determinantes das posições de sujeitos que se auto-conceituam como militantes e/ou ativistas das causas emancipatórias do coletivo em questão. Desse modo, considera-se aqui que a subjetividade “[...] é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.” (Guattari; Rolnik, 1996, p. 33, grifo do autor). As particularidades do contexto sócio-histórico e político nos processos de subjetivação remetem a diferentes construções da subjetividade carregando consigo ambivalências, paradoxos e tensões, que ora normatiza, ora singulariza as ações. Muito tem se discutido acerca das amarras discursivas que aprisionam os sujeitos a partir de noções ortodoxamente sedimentadas sob modelos dicotômicos em torno do sexo, da sexualidade e do

gênero. Entretanto, pouca ênfase tem sido dada nas relações intergêneros travadas junto àqueles que vivem identidades sexuais e de gêneros dissidentes; como se o fato de estarem ligados por uma política de coalizão os tornasse isentos de qualquer tipo de preconceito. Para o desenvolvimento deste trabalho serão realizadas entrevistas em profundidade com militantes *gays* e *lésbicas*, de períodos distintos, buscando compor interfaces com categorias de classe, raça/etnia, gênero e geração. O método cartográfico somado à perspectiva genealógica de Michel Foucault constituirá o norte das análises do material a ser coletado. Considera-se aqui que os sujeitos produzem discursos sobre regimes de visibilidade/invisibilidade – que mascara divergências e faz contenções internas na política de coalizão, cerceando o que pode ser visibilizado – que são, em alguma medida, reveladores das linhas de saberes e poderes que atravessam as subjetividades. Parte-se de uma postura de recusa aos modelos fechados e universais, de verdades absolutas, para explorar as gradações em torno do que é pensado e dito sobre o que é visto. Estas questões ganham destaque na área da Psicologia por saírem da abordagem patológica, que precisa ser revista urgentemente, e por poderem favorecer a produção de conhecimento em moldes éticos-estéticos-políticos que confrontem com uma práxis que normatiza os corpos, os sexos e as sexualidades, e os prazeres. O presente trabalho está sendo desenvolvido em nível de mestrado e é realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

Palavras-chave: Cartografias. Gênero. Práticas discursivas.

Referências

- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo* (4a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Trevisan, J. S. (2002). *Devassos no paraíso: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)* (5a ed.). Rio de Janeiro: Record.

Recebido: 31 de janeiro de 2010.

Aprovado: 24 de outubro de 2010.